

Ana Paula do Nascimento¹
Maria Ilza Gomes Ferreira Silva²
Orientadora: Rozineide Iraci Pereira da Silva³

³ Professora orientadora: Doutora em educação pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, neide-silva96@hotmail.com.



fundamentam sua formação integral. A escola, por sua vez, atua como uma instituição responsável pela sistematização do conhecimento e pela mediação pedagógica. Assim, a relação entre esses dois ambientes é crucial para o sucesso educacional e para o desenvolvimento pleno dos alunos.

Conforme Libâneo (2013, p. 25), “Educar é um ato que requer a participação de diferentes esferas sociais, sendo a família o primeiro e mais duradouro espaço educativo”. Essa perspectiva enfatiza que a escola sozinha não consegue atender todas as dimensões do desenvolvimento infantil; portanto, é necessário um esforço conjunto que inclua a família como parceira no processo de ensino-aprendizagem.

A legislação educacional brasileira reconhece essa corresponsabilidade. A Constituição Federal de 1988 estabelece que tanto o Estado quanto a família têm o dever de promover a educação com apoio da sociedade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) reforça essa visão ao afirmar que o desenvolvimento integral da criança depende da colaboração entre esses agentes.

Mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) destaca essa necessidade de corresponsabilidade ao indicar que o desenvolvimento das competências e habilidades só se concretiza plenamente quando escolas e famílias trabalham em conjunto para criar laços de diálogo e cooperação.

Apesar do reconhecimento legal e da importância teórica dessa parceria, na prática ainda existem muitos desafios na colaboração entre escolas e famílias. Muitos responsáveis enfrentam dificuldades em acompanhar mais de perto a vida escolar dos filhos devido às exigências do mercado de trabalho, ao acúmulo diário de tarefas ou às condições socioeconômicas adversas.

Além disso, as diferenças culturais e linguísticas entre as instituições escolares e as famílias podem aprofundar esse distanciamento; muitas vezes há uma percepção errônea de que a responsabilidade pela educação formal recai exclusivamente sobre as escolas. Como observa Paro (2007), frequentemente as escolas falham em estabelecer mecanismos eficazes para se aproximar dos pais, perpetuando barreiras na comunicação.

Essa fragilidade na conexão tem consequências diretas no processo educativo. Crianças cujos responsáveis estão ativamente envolvidos em suas vidas escolares costumam apresentar maior engajamento, motivação e desempenho acadêmico superior; também demonstram melhor desenvolvimento socioemocional. Oliveira (2015) observa



que a presença familiar no cotidiano escolar fortalece o senso de pertencimento das crianças, promovendo sua autoestima e sua relação com o conhecimento. Em contrapartida, quando há pouca ou nenhuma participação familiar, aumentam os riscos associados à evasão escolar, baixo rendimento acadêmico e dificuldades nas interações sociais.

Nesse contexto desafiador para os professores e gestores escolares destaca-se ainda mais seu papel mediador. Tiba (2006) sugere que as escolas devem adotar uma postura mediadora ao orientar as famílias enquanto reconhecem suas limitações; isso pode facilitar uma relação mais colaborativa ao invés de impositiva.

De maneira semelhante, Parolin (2010) argumenta que instituições escolares que buscam estreitar laços com os pais através de encontros regulares ou projetos criam condições propícias para um desenvolvimento integral dos alunos.

Como Freire afirmou (1996), “a educação não transforma o mundo; educação muda as pessoas.” Essa reflexão encapsula a essência da prática educativa: ela se fortalece por meio da coletividade. Nesse sentido, é imprescindível considerar a família como parceira essencial enquanto a escola fornece um ambiente estruturado para desenvolver saberes, valores e competências essenciais à formação crítica dos indivíduos preparados para interagir na sociedade.

Portanto, discutir sobre a interação entre escola e família especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental é crucial para entender como essas parcerias são estabelecidas; quais obstáculos surgem nesse processo; além das estratégias viáveis para fortalecer esse vínculo.

Este tema permanece atual e relevante dentro do contexto educacional brasileiro contemporâneo, pois os desafios atuais demandam práticas pedagógicas inovadoras aliadas à comunicação contínua entre todos os envolvidos no direito à aprendizagem.

Dessa forma este artigo objetiva analisar os principais desafios enfrentados por docentes nos primeiros anos do ensino fundamental na construção dessa relação efetiva com as famílias bem como identificar estratégias utilizadas para superar essas dificuldades.

Além de contribuir com reflexões acadêmicas este estudo busca oferecer subsídios práticos aos professores gestores e demais profissionais da educação visando promover uma parceria mais sólida humanizada entre escola e família reconhecendo assim que o aprendizado resulta de uma responsabilidade compartilhada.



METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, por compreender que os fenômenos educacionais envolvem significados, valores e percepções que não podem ser reduzidos apenas a dados numéricos. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa permite compreender a realidade social em sua profundidade, considerando a complexidade das relações humanas e os contextos nos quais elas se inserem.

A investigação utilizou três procedimentos principais: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. Pesquisa bibliográfica: fundamentou-se em autores da área da educação, como Libâneo (2013), Freire (1996), Paro (2007), Tiba (2006), Oliveira (2015), entre outros, que discutem a relação entre escola e família, bem como os desafios e as possibilidades para o fortalecimento dessa parceria.

Pesquisa documental: baseou-se na análise da Constituição Federal de 1988, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB nº 9.394/1996 e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), documentos que destacam a corresponsabilidade entre escola e família no processo educativo.

A Pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental. As entrevistas buscaram compreender como os docentes percebem a participação das famílias, quais desafios enfrentam no cotidiano escolar e que estratégias têm adotado para estreitar essa relação.

A escolha pela entrevista semiestruturada se justifica pela flexibilidade do instrumento, que possibilita ao pesquisador seguir um roteiro pré-definido de questões, mas também permite explorar falas e percepções emergentes dos entrevistados (Triviños, 1987).

Os dados coletados foram organizados e analisados por meio da análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), permitindo identificar categorias relacionadas aos desafios e às estratégias apontadas pelos docentes. Essa técnica possibilitou compreender como a relação escola-família se concretiza na prática e quais caminhos podem ser percorridos para fortalecê-la.

Portanto, a metodologia adotada buscou articular teoria e prática, de modo a oferecer uma análise crítica sobre a temática investigada, valorizando tanto os referenciais teóricos quanto a experiência vivenciada pelos docentes no contexto escolar.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados nas entrevistas com professores dos anos iniciais do ensino fundamental revelou percepções significativas acerca da participação das famílias no processo de aprendizagem, bem como os principais desafios e estratégias relacionadas a essa parceria. De modo geral, os docentes reconhecem que a presença da família exerce um papel fundamental no desenvolvimento escolar das crianças, influenciando diretamente sua motivação, comportamento e desempenho.

Conforme relataram, quando os responsáveis acompanham as tarefas, participam das reuniões e valorizam o ambiente educativo, os alunos demonstram maior interesse pelas atividades e apresentam avanços mais consistentes. Esse entendimento dialoga com Oliveira (2015), que afirma que o envolvimento familiar favorece não apenas a aprendizagem, mas também a autoestima e a formação integral do estudante.

Quadro 1 – Perguntas e respostas das entrevistas com professores

PERGUNTA	RESPOSTA
Qual a importância da participação da família na aprendizagem dos alunos?	A presença da família é fundamental para motivar os alunos, reforçar hábitos de estudo e fortalecer o vínculo com a escola. Crianças com acompanhamento familiar apresentam maior interesse e desempenho escolar.
Quais os principais desafios para envolver os pais nas atividades escolares?	Falta de tempo dos responsáveis devido ao trabalho, diferenças culturais e socioeconômicas, dificuldades de comunicação, e a percepção de que a educação é responsabilidade exclusiva da escola.
Como a escola e os professores tentam superar esses desafios?	Uso de aplicativos de mensagens e plataformas digitais, reuniões participativas, projetos pedagógicos envolvendo pais e atendimento individualizado para situações específicas.
Que impactos os professores percebem quando a família não participa da vida escolar?	Dificuldade de engajamento dos alunos, baixo desempenho acadêmico, desmotivação, evasão escolar e problemas de socialização.
Que estratégias têm mostrado resultados positivos na aproximação com as famílias?	Criação de projetos participativos, comunicação constante por meios digitais, envolvimento em feiras culturais e oficinas, além de reuniões dinâmicas que valorizam a opinião dos pais.
Qual é a visão dos professores sobre a corresponsabilidade entre escola e família?	Todos reconhecem que a aprendizagem é fruto de uma responsabilidade compartilhada; reforçam que a colaboração entre escola e família é essencial para o desenvolvimento integral do aluno.

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2025.



Apesar desse reconhecimento, os professores destacaram que a participação das famílias ainda ocorre de maneira restrita e, em muitos casos, limitada a situações pontuais, como reuniões bimestrais ou quando surgem problemas de comportamento ou desempenho. Tal cenário reflete um dos maiores desafios apontados: a dificuldade de manter um vínculo contínuo e efetivo entre escola e responsáveis. Entre os fatores que contribuem para esse distanciamento, os docentes mencionaram a falta de tempo dos pais, decorrente principalmente das exigências do trabalho, as diferenças socioculturais que dificultam a comunicação e, ainda, a tendência de algumas famílias em transferirem exclusivamente para a escola a responsabilidade pela educação das crianças. Essa percepção se aproxima das reflexões de Tiba (2006), que alerta para os prejuízos da ausência de corresponsabilidade, e de Paro (2007), que observa que, muitas vezes, a própria escola não cria condições adequadas de participação, reforçando a distância em vez de reduzir barreiras.

Outro aspecto relevante identificado nas entrevistas diz respeito à desvalorização do trabalho docente, apontada por alguns profissionais como um elemento que fragiliza a confiança e dificulta a construção de uma relação mais sólida com as famílias. Quando os responsáveis não reconhecem o papel do professor, o diálogo tende a ser marcado por conflitos e resistências, o que compromete a cooperação necessária para o sucesso do processo educativo.

Por outro lado, os resultados também evidenciaram estratégias criativas e eficazes desenvolvidas pelos professores para fortalecer o vínculo com as famílias. Muitos relataram a utilização de aplicativos de mensagens e plataformas digitais como forma de facilitar a comunicação cotidiana, permitindo que os responsáveis acompanhem mais de perto a rotina escolar dos filhos. Além disso, destacaram a realização de reuniões mais dinâmicas e participativas, nas quais os pais não apenas recebem informações, mas também têm espaço para expor opiniões, expectativas e preocupações. Foram citadas, ainda, iniciativas de projetos pedagógicos que envolvem diretamente a presença dos familiares, como oficinas, feiras culturais e atividades coletivas, que favorecem a integração entre escola e comunidade. Em situações específicas, o atendimento individualizado também foi mencionado como recurso essencial para estreitar laços e buscar soluções conjuntas.

Essas estratégias confirmam a importância de práticas que valorizem a escuta ativas e o protagonismo das famílias, como defende Parolin (2010), além de



demonstrarem a necessidade de adaptação às novas formas de comunicação, especialmente no uso das tecnologias digitais. Assim, mesmo diante de limitações de tempo e de outros obstáculos, a escola pode encontrar alternativas que possibilitem maior participação e acompanhamento.

Os resultados obtidos, portanto, evidenciam que a parceria entre escola e família, embora amplamente reconhecida como essencial, ainda enfrenta obstáculos de ordem estrutural, social e cultural. Entretanto, também revelam que a criação de espaços de diálogo, o uso de recursos acessíveis e a valorização da corresponsabilidade podem ampliar a colaboração entre esses dois pilares fundamentais da educação.

Tal constatação converge com a perspectiva freireana de que a educação é um ato de diálogo (FREIRE, 1996), exigindo abertura, acolhimento e escuta por parte da escola e comprometimento por parte das famílias. Mais do que ações pontuais, torna-se necessário construir uma cultura de cooperação e corresponsabilidade, em que escola e família atuem como parceiras no desenvolvimento integral da criança.

Os resultados apontaram as principais estratégias identificadas no cotidiano escolar, destacam-se a realização de encontros regulares entre educadores e responsáveis, o uso de tecnologias para facilitar e ampliar os canais de comunicação e a criação de projetos pedagógicos que incentivem a participação ativa das famílias na vida escolar dos alunos.

Além disso, ressalta-se a importância da formação continuada dos professores para o desenvolvimento de habilidades que a favoreçam o diálogo e a construção de vínculos com as famílias e que uma relação escola-família fortalecida contribui para a melhoria do desempenho escolar dos estudantes, promovendo também seu desenvolvimento emocional e a sua inclusão social. Conclui-se que essa parceria exige um esforço conjunto e contínuo, sendo fundamental a adoção de práticas que incentivem o envolvimento dos responsáveis na trajetória educacional dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados obtidos nas entrevistas com os professores e do referencial teórico consultado, é possível concluir que a relação entre escola e família nos anos iniciais do ensino fundamental é um fator determinante para o desenvolvimento acadêmico, social e emocional das crianças.

Os resultados evidenciaram que, embora os docentes reconheçam a importância



da participação familiar, essa parceria ainda enfrenta desafios significativos, como a falta de tempo dos responsáveis, diferenças culturais e socioeconômicas, dificuldades de comunicação e a percepção equivocada de que a educação é responsabilidade exclusiva da escola.

Ao mesmo tempo, a pesquisa mostrou que os professores têm buscado estratégias eficazes para superar essas barreiras. Entre elas, destacam-se o uso de tecnologias para comunicação, reuniões participativas, projetos pedagógicos que envolvem as famílias e atendimentos individualizados. Essas práticas demonstram que a aproximação entre escola e família é possível, desde que haja esforço conjunto e contínuo, diálogo aberto e valorização do papel de cada um na educação das crianças.

A fundamentação teórica reforça que a aprendizagem não é resultado apenas do trabalho escolar, mas do envolvimento de múltiplos agentes sociais. Nesse sentido, os resultados da pesquisa corroboram a necessidade de a escola adotar práticas inclusivas e participativas, capazes de engajar os responsáveis de forma efetiva.

Portanto, conclui-se que o fortalecimento da relação escola-família requer planejamento, sensibilidade pedagógica e uso de estratégias diversificadas que contemplem diferentes realidades. A participação ativa das famílias contribui para a melhoria do desempenho acadêmico, para o desenvolvimento emocional dos estudantes e para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres.

Recomenda-se que as escolas invistam na capacitação continuada dos professores para desenvolver habilidades de comunicação e mediação, promovam projetos que integrem família e comunidade e incentivem a construção de uma cultura escolar participativa. Assim, será possível consolidar uma parceria duradoura, que transforme não apenas o processo de aprendizagem, mas também a experiência educativa como um todo, garantindo que cada criança tenha condições de alcançar seu pleno potencial.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 1996.



BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília: MEC, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MINAYO, Maria de Lourdes. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2015.

PARO, Vitor Henrique. Educação como exercício de poder: crítica ao senso comum em educação. São Paulo: Cortez, 2007.

PAROLIN, Içami Tiba. Disciplina, limite na medida certa. 6. ed. São Paulo: Integrare, 2010.

TRIVIÑOS, Antônio N. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TIBA, Içami. Ensinar aprendendo: como superar desafios do relacionamento entre pais, professores e filhos. 8. ed. São Paulo: Integrare, 2006.

